

pecados da igreja  
secundino cunha



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

*À minha mulher e às minhas filhas*



## ÍNDICE

Introdução .....	11
Nas malhas da droga .....	15
Tentados pelo amor .....	25
Conto do vigário I — Padre de luxo crivado de dívidas .....	37
Conto do vigário II — História de um falso padre .....	45
Guerra no santuário .....	55
Padre pistoleiro .....	65
Fuga camiliana .....	75
As desventuras de um cónego do Porto .....	85
O padre é nosso .....	95
A queda de um bispo .....	105
Padre chantageado por prostitutas .....	115
Abusos no seminário .....	125
Cónego acusado de burlar o Estado .....	135
Senhora de Fátima cheia de dinheiro .....	141
Tentação no acampamento de escuteiros .....	151
Casamento armadilhado .....	161
Festas e saunas gay .....	167
A revolta de Canelas .....	177
Vingança entre padres .....	187
Escravidão no convento .....	197
O padre que plagiava .....	209
Padre do <i>Porsche</i> .....	217
O calvário do Calvário .....	227
Fotos eróticas no Facebook .....	237





## INTRODUÇÃO

### TODOS SOMOS PECADORES

**A** Igreja, como reza o Credo, é “una, santa, católica e apostólica”. Mas, ao ser constituída por homens, não será também ela pecadora? A questão é de resposta complexa e não colhe a unanimidade dos especialistas.

“Homens pecadores, mulheres pecadoras, sacerdotes pecadores, religiosas pecadoras, bispos pecadores, cardeais pecadores, Papa pecador? Todos. Como pode ser santa uma Igreja assim?”, perguntou o Papa Francisco na catequese sobre o Credo que proferiu, na Praça de S. Pedro, a 2 de outubro de 2013.

O Papa referiu que a Igreja “é santa porque provém de Deus que é santo”, mas sublinhou que ninguém pode pensar que “a Igreja é só dos puros, daqueles que são totalmente coerentes”. “Trata-se de uma verdadeira heresia, porque a Igreja, que é santa, não rejeita os pecadores; não nos rejeita a todos nós; não rejeita porque chama todos”, afirmou o sucessor de Pedro.

A Igreja é santa, afirma o Papa, explicando que os seus membros é que são pecadores. Mas Francisco sublinha que a Igreja “acolhe” e “chama” todos, ou seja, apesar de santa, recebe no seu seio os que pecam. Já o teólogo brasileiro Paulo Ricardo Azevedo defende que a Igreja é apenas santa e que não pode ser ao mesmo tempo santa e pecadora. Assegura que a expressão “igreja santa e pecadora” consubstancia uma contradição inultrapassável.

O sacerdote afirma que “a Igreja é santa e imaculada”, mas lembra que, apesar disso, “os seus membros são pecadores”. E sustenta a sua tese numa declaração do Papa Paulo VI que consta do artigo 827 do Catecismo da

Igreja Católica: “A Igreja é santa, não obstante compreender no seu seio pecadores, porque ela não possui em si outra vida senão a da graça: é vivendo da sua vida que os seus membros se santificam; e é subtraindo-se à sua vida que eles caem em pecado e nas desordens que impedem a irradiação da sua santidade. É por isso que ela sofre e faz penitência por estas faltas, tendo o poder de curar delas os seus filhos, pelo Sangue de Cristo e pelo dom do Espírito Santo.”

Para o teólogo, “a Igreja é como um núcleo e cada católico é um membro que pode aproximar-se ou afastar-se desse núcleo. Ao aproximar-se da Igreja, o católico é cada vez mais santificado pela Graça que dela emana. Da mesma forma, se livremente o católico decide afastar-se dela, por sua própria responsabilidade, afasta-se da comunhão com o Corpo de Cristo”. Paulo Ricardo Azevedo considera inclusive que, quando comete pecado, o homem deixa de pertencer à Igreja e só volta a integrá-la após a expiação da falta.

A verdade é que já muitos Papas pediram perdão por escândalos e pecados diversos, mas nunca o fizeram em nome da Igreja. Nunca se ouviu a frase “A Igreja pede perdão”. Se tal tivesse ocorrido, teria de se depreender que a Igreja poderia ser pecadora.

Um dos mais badalados pedidos de perdão, no período mais recente, ocorreu em maio de 1995, quando, em visita à República Checa, o Papa João Paulo II pediu perdão pela Inquisição e por todas as guerras e atrocidades praticadas em nome de Cristo.

“Hoje, eu, Papa da Igreja de Roma, em nome de todos os católicos, peço perdão pelas injustiças infligidas aos não católicos no curso da história atribulada desses povos. E ao mesmo tempo garanto o perdão da Igreja Católica pelo mal que seus filhos sofreram”, afirmou Karol Wojtyła.

Mais tarde, em junho de 2010, surgiu o famoso pedido de perdão de Bento XVI às vítimas de abusos sexuais praticados por sacerdotes católicos. “Pedimos insistentemente perdão a Deus e às pessoas envolvidas, enquanto prometemos que queremos fazer todos os possíveis para que semelhante abuso não volte nunca a acontecer”, disse o Papa Ratzinger, sem nunca referir que se tratava de um pedido de perdão da Igreja.

E o mais recente pedido de perdão ocorreu na visita do Papa Francisco à Suécia, em outubro de 2016, nas comemorações dos 500 anos da Reforma Luterana, quando pediu perdão à Igreja Protestante pelos erros cometidos durante cinco séculos de guerras, perseguições e execuções. Uma vez mais, foi o Papa e não a Igreja Católica a pedir o perdão.

Concluimos, então, que, mesmo que a Igreja não seja pecadora, as pessoas da Igreja são-no. E que quando se fala em “pecados da Igreja” se pretende dizer “pecadores da Igreja”. É que, como bem sabemos, um pecado cometido por um clérigo (a Igreja não é composta apenas por clérigos, mas estes são os seus representantes consagrados) tem um impacto social incomparavelmente superior ao cometido por um leigo. O padre confessa e perdoa pecados; não é, em raciocínio linear, suposto que os pratique.

Neste livro damos conta de duas dúzias de histórias que, em nosso entender, configuram as maiores polémicas envolvendo a Igreja Católica portuguesa, dos últimos vinte anos. Pode cair-se na tentação de se lhes chamar pecados, por alguns comportamentos nelas relatados assim serem socialmente entendidos, mas só Deus sabe se o são.

Falamos, no entanto, dos acontecimentos que marcaram negativamente a Igreja portuguesa nas últimas duas décadas. A esmagadora maioria dos casos mereceu aturado tratamento jornalístico, mas, sem entrarmos no campo da análise ou dos juízos de valor, vamos um pouco mais além, dando conta de diversos aspetos que ficaram por desvendar, ou tentando corrigir algumas ideias erradas que perpassaram no calor dos acontecimentos.

Feitas as contas, as conclusões a tirar são apenas duas: que só Deus pode julgar e que todos somos pecadores.

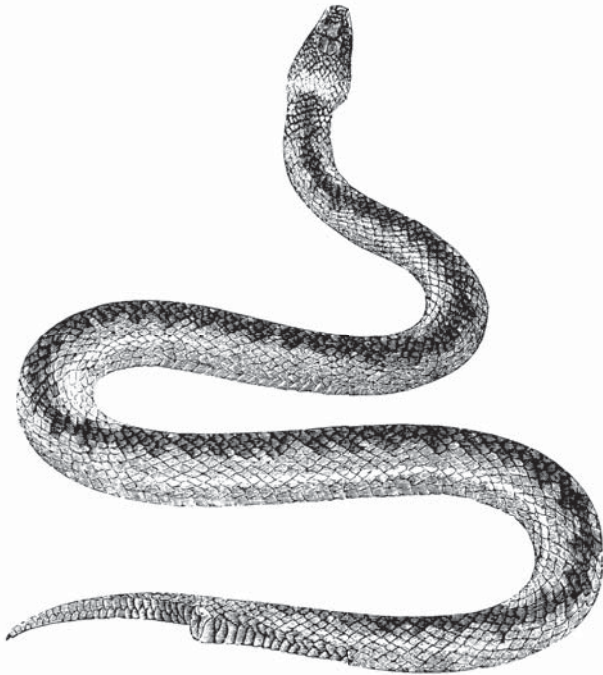
Secundino Cunha







NAS  
MALHAS  
DA DROGA





**E**ra grave o tom de voz do então arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, ao confirmar que na bimilenar arquidiocese bracarense havia um padre que se tinha deixado agarrar pelo vício da droga. Estávamos em fevereiro de 1997, mas a situação arrastava-se desde pelo menos meados do ano anterior.

Aloísio Araújo, pároco havia sete anos nas freguesias de Sequeiros (Amares), Souto e S. Mateus da Ribeira (Terras de Bouro), caiu na tentação de experimentar o fruto proibido. Tombou, por paixão, nos braços de uma mulher, residente em Braga, que conhecera há mais de uma década, com a agravante de que, entretanto, ela tinha mergulhado nas teias da toxicod dependência.

Poderá dizer-se que, no início de tudo, o sacerdote não terá conseguido resistir à tentação da carne. Deve esclarecer-se, antes de mais, que, ao longo de alguns anos o padre Aloísio acumulou as funções de pároco com as de capelão militar. Foi tenente do Exército e a sua praça era o Regimento de Cavalaria n.º 6, em Braga. Era natural de Portela, em Vila Verde, parokiava em três aldeias, mas, na prática, contava duas décadas de residência na cidade dos arcebispos: 14 nos seminários (Menor e de Teologia) e 6 na tropa. Padre jovem, de apenas 31 anos, dono de grande dinamismo e espírito de iniciativa, não resistiu aos apelos de uma jovem bonita e que, por atravessar um momento menos bom, necessitava de ajuda.

Mas, apesar de se tratar de um sacerdote, a paixão pela jovem não era, em si, o mais grave dos pecados. O problema, como diz S. Tomás de Aquino,

é que estamos perante um pecado potenciador da prática de muitos outros de maior gravidade. O santo filósofo explica que os sete pecados capitais (soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja, preguiça) não foram escolhidos pelo seu valor intrínseco, mas pelo facto de serem eficazes detonadores da prática das mais torpes maldades.

E neste caso, verificou-se precisamente que a primeira tentação foi a chave segunda, essa, sim, perniciosa, destruidora. Aloísio era um homem de valores consistentes, um padre convicto e um cristão esclarecido. E a aproximação à rapariga até aconteceu pela melhor das razões: tentar ajudar uma amiga que trilhava os caminhos da perdição. Só que as más inclinações são poderosas, a resistência aos encantos do mundo é frágil, e o padre caiu.

Os encontros foram-se tornando cada vez mais frequentes e, ao mesmo tempo, o convívio foi ganhando as formas da cumplicidade. E foi aquela atitude tão simples e banal quanto perigosa do “só uma vez não faz mal nenhum” que abriu caminho a um tormento que só por milagre da Providência não terminou na morte precoce de um ser humano de excepcionais qualidades.

Aloísio Manuel Sousa Ribeiro Azevedo de Araújo nasceu a 9 de julho de 1965 em Portela, Vila Verde, no seio de uma família católica e conceituada. Em 1976, com apenas 11 anos, entrou para o Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, onde consolidou a sua formação moral e realizou estudos até ao 9.º ano. Seguiu para o Seminário Maior (hoje Faculdade de Teologia da Universidade Católica) onde, em 1988, concluiu a licenciatura em Teologia. Optou pela ordenação sacerdotal, cuja cerimónia foi presidida pelo arcebispo primaz Eurico Nogueira, a 27 de agosto de 1989.

Já sabemos que foi nomeado pároco de três freguesias do Vale do Homem, entre Amares e Terras de Bouro, na arquidiocese de Braga. Fez obra notável, com marcas que ainda hoje perduram ao nível da assistência social e do apoio aos idosos. Onde tinha encontrado casas velhas, deixou edifícios recuperados e transformados em centros sociais e paroquiais. Era simpático, amigo, atencioso e, por tudo isso, muito querido do povo destas terras. Não admira, portanto, que a notícia conhecida em 1997 de que o padre andava na droga tenha caído como uma bomba no meio do rebanho.

Primeiro foi uma espécie de boato em que a esmagadora maioria dos fiéis se recusava a crer. Mas com o passar dos dias, o fumo adensou-se a ponto de não deixar dúvidas de que havia fogo. O padre Aloísio, que

adorava as paróquias e as respetivas comunidades, dos mais novos aos mais velhos, viu-se obrigado a renunciar ao cargo de pároco. Decisão complexa, de dificuldade extrema, mas, naquela altura, absolutamente necessária. O pior que poderia acontecer era instalar-se a ideia de que por ali celebrava, pregava e confessava um padre que injetava heroína.

É claro que o percurso da toxicod dependência começou por produtos mais leves, como canábис ou haxixe em forma de charro. Mas entre as drogas leves e as mais pesadas vai um simples salto de pardal, e não foi preciso muito tempo para que o popularmente designado “chuto para a veia” se tornasse o pão nosso de cada dia.

Depois de abandonar as paróquias, Aloísio Araújo viveu uns meses com a companheira, num pequeno apartamento, em Braga. Nessa altura, meados de 1996, já o caso não era segredo para o clero e para alguns amigos mais próximos do sacerdote. Alguns padres tentaram demovê-lo, mas sem sucesso. Chegou mesmo a zangar-se com alguns dos discípulos, proibindo-os de o visitarem. Nas paróquias, o assunto passava de boca em boca, mas quase em circuito fechado. Falava-se do caso baixinho para que ninguém “de fora” ouvisse e contribuísse, de alguma maneira, para denegrir a imagem quase imaculada de que o padre gozava naquelas terras.

Da relação, nasceu um filho, cuja paternidade o sacerdote assumiu e a quem, juntamente com a família, assegurou sustento e criação. Já é adulto e foi sempre conseguindo, com a ajuda de todos os que o rodearam e rodeiam, passar ao lado de um eventual estigma social que poderia sempre surgir pelo facto de ser fruto da relação de uma jovem com um padre.

O menino nasceu em finais de 1996, altura em que os pais conheciam o pico mais elevado do vício. Não era fácil cuidar de um bebé naquelas condições. A droga altera comportamentos, potencia a irresponsabilidade e causa, muitas vezes, total alienação, o que, com um recém-nascido a cargo, pode revelar-se dramático. Uma situação que mexeu profundamente com o jovem sacerdote e que desencadeou a ressurreição de toda uma panóplia de valores que chegou a julgar perdidos para sempre. Veio ao de cima a questão da vocação sacerdotal, que era genuína, e, ao mesmo tempo, a necessidade de encontrar uma solução para o facto de ter sido pai.

Garantiu os cuidados necessários ao menino, dos pontos de vista físico e mental, colocou um ponto final na relação sentimental com a companheira e, determinado a deixar a droga, refugiou-se na casa dos pais. Apesar da amargura e, tantas vezes, do desespero, os pais nunca desistiram. “Um filho nunca se abandona”, era o lema que atenuava o sofrimento. A situação era

muito complexa e as repercussões pessoais, familiares e sociais imensas e difíceis de suportar. Não estávamos perante o simples caso, já de si perturbante, de um homem de 30 anos que se tinha deixado enredar pela armadilha da droga. Falávamos de um padre que se tinha envolvido com uma mulher e que, juntamente com ela, se tornou toxicodependente.

À força dos pais juntou-se a força do prelado que na altura liderava a arquidiocese de Braga. “Primeiro vamos tentar salvar o homem e, depois, sendo possível, trataremos de salvar o padre”, disse D. Eurico Dias Nogueira, numa declaração sentida e que ficou gravada com relevo na prelatura de mais de duas décadas do velho arcebispo.

Aloísio ganhou coragem e pediu ajuda à Igreja a que, afinal, pertencia. O cônego Eduardo Melo Peixoto, na altura vigário-geral da arquidiocese, e o próprio arcebispo primaz assumiram a ajuda ao sacerdote como uma missão crucial. Colocaram-no em Salamanca, Espanha, numa instituição ligada ao equivalente português do “Projeto Homem”, com aulas na conhecida Universidade Pontifícia existente naquela cidade.

Ao contrário do esperado, a experiência não originou resultados satisfatórios. Tinha acesso fácil a drogas, e o esquema de tratamento estava longe de ser eficaz. Ao fim de alguns meses, os responsáveis diocesanos concluíram que era necessário mudar de estratégia. Também o padre, que pretendia de facto livrar-se do vício mas que em Salamanca não o estava a conseguir, concordou com essa necessidade de procurar caminhos mais seguros e eficazes.

Aloísio Araújo rumou então a Westham, em Inglaterra, onde integrou uma comunidade terapêutica e onde, ao longo de 11 meses, se submeteu a um programa de narcóticos anónimos. Aqui conheceu-se uma história muito diferente. Foi grande o sofrimento, dolorosas as ressacas, e foram inúmeras as vezes que ia sendo vencido pela vontade de fugir, desistir e deixar-se vencer pela força da droga. Mas havia quem lhe desse força para resistir: Deus, a família e a Igreja.

Os altos e baixos do internamento e da luta contra o amargurado vazão traçado pela falta de produto estupefaciente reforçaram a estrutura mental e emocional do homem, fortaleceram a sua resistência física e substanciaram ao padre a vontade de enfrentar a realidade e de superar as adversidades.

A Igreja era, por assim dizer, um problema resolvido. Era claro que ele podia voltar a integrar, em toda a sua plenitude, o clero bracarense e assumir os seus deveres sacerdotais. A família, e em particular os pais, também

o receberiam sempre de braços abertos, qual filho pródigo regressado e arrependido da vida errónea e dissoluta.

E os amigos, os antigos paroquianos, o povo em geral? Seria, naturalmente, uma questão de tempo. Até porque a postura que tencionava adotar, de sacerdote exemplar, encarregar-se-ia de esclarecer dúvidas e convencer os incrédulos de que há quem caia e consiga levantar-se para prosseguir a caminhada com mais coragem e maior verticalidade.

Mas o seu caso, frontalmente assumido pela estrutura da Igreja, tinha ganhado projeção nacional e até internacional, com notícias de grande destaque em jornais, rádios e televisões. Era necessária uma coragem de ferro para assumir, publicamente se necessário fosse, que o padre é homem e o homem é pecador e, de alguma forma, desmistificar a ideia de que a Igreja expulsa os que erram.

Tudo isso seria relativamente simples se o realizador Joaquim Leitão não tivesse tido a ideia de fazer, no início de 1998, um filme com base na história do padre Aloísio. É que, para complicar as coisas, o realizador resolveu misturar o tema do padre toxicodependente com uma polémica, também muito forte na altura e que envolvia uma espécie de guerra entre os povos de duas aldeias e uma comunidade cigana que por lá tinha acampado. Tratou-se do caso das pessoas de etnia cigana que eram ameaçadas de expulsão de terrenos privados, na freguesia de Oleiros, em Vila Verde, e cuja causa, que chegou a ser classificada como um exemplo de luta contra o racismo, mereceu o apoio do então governador civil de Braga, Pedro Bacelar de Vasconcelos.

O argumento do filme *Tentação*, que foi um dos mais vistos do cinema português, com mais de 280 mil espetadores, não agradou minimamente ao padre Aloísio Araújo. “Não gostei. Não me revii nele e acho que não passou de uma exploração comercial da situação”, disse, na altura, o sacerdote, naquele que foi provavelmente o único comentário público à obra de Joaquim Leitão. Também não deixou de ser caricato o facto de o padre e os pais terem sido convidados pela produtora para a antestreia do filme, em Lisboa, sublinhando cada convite que o portador do mesmo tinha direito a uma bebida de cápsula.

O filme, assume agora o atual coordenador das Missões Católicas de Língua Portuguesa na Suíça, não ajudou nada na sua reintegração eclesial e social. Mas acabou, na prática, por não passar de mais um degrau a vencer na difícil subida que é proposta a quem bate no fundo.

Curado da dependência das drogas, o padre Aloísio Araújo regressou



em março de 1999 à casa dos pais, na Portela, em Vila Verde. Logo nessa altura, assumiu as funções de secretário da Cúria arquidiocesana, trabalhando de perto com o cónego Melo Peixoto. Foi recebido de braços abertos por todo o clero, e o apoio de todos os padres foi, afirma Aloísio, “de uma enorme generosidade”. Além do serviço burocrático, ia substituindo colegas nos serviços em algumas paróquias e, porque sempre foi dono de extraordinários dotes oratórios, realizava pregações em festas ou celebrações de maior solenidade.

Ficou célebre um sermão ao Senhor dos Aflitos, na freguesia de S. Cipriano, Resende (diocese de Lamego), no segundo fim de semana de agosto desse ano, em que o pregador realçou a importância da fé em Deus para vencer os problemas da vida. “Os que acreditam podem contar com Ele, porque Ele não falha”, disse, com conhecimento de causa, o sacerdote.

O regresso estava feito, mas a passagem tinha sido estreita e continuava a ser necessária vigilância permanente, já que o inimigo encontrava-se sempre à espreita. “Se não fosse o apoio da Igreja, colegas e superiores, não sei qual teria sido o meu futuro. O mais certo é que o caminho por onde me metera me tivesse conduzido à morte”, desabafou, emocionado, o padre Aloísio.

Quando regressou ao trabalho na arquidiocese e reassumiu em pleno as suas obrigações sacerdotais, confessou sentir “grande alegria”. Lamentou que a mulher com quem se tinha envolvido e mãe do seu filho recusasse todo o tipo de ajudas para largar o vício da droga, mas, a fim de evitar qualquer recaída, que seria certamente fatal, teve mesmo de se afastar definitivamente dela. A jovem, na casa dos 30 anos, acabou por falecer em fevereiro de 2002.

Aloísio Araújo coloca a droga no mais elevado patamar dos males terrenos e, quando recomeçou o trabalho como sacerdote, fê-lo sem a certeza absoluta da sua total recuperação. “Recuperado? Só por agora. Na vida não há nada garantido, tudo tem de ser conquistado dia a dia”, referiu na altura, reconhecendo que foi “muito difícil e foram precisos muitos meses para redescobrir os valores que sempre me orientaram e me permitiram voltar a ter uma luz capaz de reinverter processos como este”. Quanto à droga, não tem dúvidas: “Nunca deve ser experimentada. Destrói células, tecidos, famílias, valores e o espírito e conduz quase sempre ao triste destino da morte precoce.”

Um passo em falso levou, de um momento para o outro, o padre Aloísio do céu ao inferno. Uma descida rápida e vertiginosa que só por milagre,

acredita o sacerdote, foi possível inverter. O regresso foi muito mais lento e penoso. Apesar das várias escorregadelas, algumas quase fatais, o caminho foi percorrido e, além de ter sido salvo o homem, foi também salvo o padre, como pretendia o arcebispo Eurico Nogueira, falecido em 2014.

Aloísio sabe que os seus pecados estão perdoados e sabe também que a sua recuperação é um extraordinário exemplo para milhares de jovens que, pelas mais diversas razões, caem nas caliginosas malhas da toxicod dependência. Tendo sempre presente que é importante a ajuda de família e amigos e crucial a força de vontade do toxicod dependente.

Depois de cerca de um ano a exercer funções tecnocráticas, a arquidiocese apresentou ao sacerdote um novo projeto pastoral: guiar na fé uma comunidade católica de língua portuguesa na Suíça. Aloísio nem pensou duas vezes. Disse logo que sim e emigrou em meados do ano 2000. Voltaria a pastorear um rebanho de fiéis, mas longe do país onde ainda imperava, como se compreenderá, o estigma do padre toxicod dependente.

O seu desempenho como pastor numa comunidade emigrante foi de tal forma positivo que, ao fim de apenas três anos, foi nomeado coordenador das Missões Católicas de Língua Portuguesa na Suíça, tendo atualmente à sua responsabilidade um universo de mais de duzentos mil fiéis. Ecos helvéticos asseguram que é tão admirado e acarinhado por lá como o era por terras bracarenses.

E o mais extraordinário é que, passados quase vinte anos, nas freguesias de Sequeiros, Souto e S. Mateus da Ribeira, todos (os que o conheceram, naturalmente) recordam o padre Aloísio Araújo com enorme saudade.

“Era um santo padre. Ele que volte, que a gente perdoa-lhe e até lhe faz uma festa”, dizem em Souto. “Todos na aldeia sonham com o regresso do nosso padre. Quando ele foi embora, foi chorado em tudo o que era canto. Se voltasse, era bem recebido”, afirmam em Sequeiros. “Quando ele quiser voltar, será bem recebido. Ele continua a ser nosso amigo”, acrescentam em S. Mateus da Ribeira.

Aloísio Araújo sente-se realizado no desempenho das suas funções sacerdotais e pastorais e assegura que todos os dias agradece a Deus o facto de, quando caminhava para a morte, Ele o ter resgatado para a vida.

